

A FRAGILIDADE DA PRESERVAÇÃO EM ANÁPOLIS

Milena d' Ayala Valva

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Projeto, Espaço e Cultura pela Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado e no curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: midayala@gmail.com.



Ana Caroline Caixeta Silva

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e pós-graduanda em Gestão Pública, ambos pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: anacarine.arqurb@gmail.com



Preservação,
Estação Ferroviária,
Anápolis.

preservazione,
patrimonio
ferroviario, Anápolis
(Brasile)

preservation,
historic train
station, Anápolis
(Brazil)

Resumo: O presente artigo visa ressaltar que na história urbana de uma cidade ações e transformações pautadas sobre o discurso e a ideia do progresso e do novo têm colocado em risco a permanência e a valorização de sua história e da sua memória coletiva. Anápolis é uma cidade goiana centenária, que já possui uma paisagem urbana bastante alterada em que parece prevalecer a tradição pela novidade, arraigada a uma cultura de renovação constante. O ponto de partida para analisar essa questão, que coloca foco sobre a condição da preservação do patrimônio histórico e cultural na contemporaneidade, foram dois vídeos comemorativos para datas importantes da cidade, produzidos em épocas diferentes com um intervalo de 50 anos entre eles, e que contam muito sobre essa sociedade marcada por fatos históricos particulares e pela presença de migrantes desde o início da sua formação. A intenção não é propriamente narrar ou discutir o processo de desenvolvimento e progresso de Anápolis, mas a maneira como ele afetou e afeta a memória coletiva e a valorização do passado.

LA FRAGILITÀ DELLA CONSERVAZIONE IN ANÁPOLIS

SOMMARIO: Il presente articolo intende mostrare che nella storia urbana di una città le azioni e le trasformazioni basate sul discorso e l'idea del progresso e del nuovo possono mettere a rischio la permanenza e la valorizzazione della sua storia e della sua memoria collettiva. Anapolis è una città centenaria dello stato brasiliano di Goiás, che ha già un paesaggio urbano molto alterato, in cui la tradizione sembra essere prevalsa dalla novità, radicata in una cultura di costante rinnovamento. Il punto di partenza per analizzare questa questione, che si concentra sulla condizione della conservazione del patrimonio culturale storico in tempi contemporanei, sono stati due video commemorativi per importanti date della città, prodotti in momenti diversi con un intervallo di cinquanta anni tra loro, e che raccontano molto di questa società marcata da particolari fatti storici e dalla presenza di migranti sin dall'inizio della sua formazione. L'intenzione non è propriamente di narrare o discutere il processo di sviluppo e progresso di Anapolis, ma il modo in cui influenzò e influenza la memoria collettiva e la valorizzazione del passato.

THE FRAGILITY OF PRESERVATION IN ANÁPOLIS

SUMMARY: This article aims to point out that in the urban history of a city's actions and transformations based on the speech and the idea of progress and of the new have put at risk the permanence and the development of its history and its collective memory. Anapolis is a centenarian city in the Brazilian state of Goiás, which already has a century-old urban landscape quite changed in that seems to prevail the tradition by novelty, deep-rooted in a culture of constant renewal. The starting point for analyzing this issue, which puts focus on the condition of preservation of cultural heritage in contemporary times, were two commemorative videos for important dates in the city, produced at different times with a 50-year interval between them, and telling a lot about this society marked by particular historical facts and by the presence of migrants since the beginning of its development. The purpose is not exactly to narrate or discuss the process of development and progress of Anapolis, but the way it affected and affects the collective memory and the past's appreciation.



Envio: 24/07/2018 ♦ Aceite: 01/08/2018

Anápolis e a cultura do desapego histórico

Quando se fala sobre a história das cidades e a necessidade de sua valorização para a consolidação de uma memória coletiva e para a permanência de bens de interesse cultural, é muito comum surgirem indagações como “qual a importância disso”, “por que a preocupação com o passado quando os problemas atuais parecem mais urgentes e importantes”, ou, “o que acontecimentos tão distantes têm a ver com a nossa vida hoje”. Questionamentos como esses refletem o desprezo e o desconhecimento de parte da sociedade contemporânea com o passado e com tudo aquilo que representa o vínculo entre o ontem e o hoje, além da perda de referências históricas.

É a partir da necessidade incessante de progresso e modernização que as cidades se entregam a transformações, onde a preocupação em preservar as marcas do passado é pequena, e a velocidade com que se destroem, constroem e abandonam vestígios importantes passa a ser cada vez mais rápida. Essa destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que nos vinculam as gerações passadas, parece reger uma vida que se dá em um presente contínuo.

Mesmo que já sejam notadas atualmente diferenças e avanços, como aponta Abreu (1998), discursos e projetos em prol de restaurações, reabilitações, revitalizações, e outros “res”, na tentativa de proteger e valorizar permanências importantes, ainda há muito que progredir e trabalhar para alcançar uma conscientização efetiva, visto que apenas atitudes preservacionistas ou a prática do tombamento não são suficientes para suprir o déficit no reconhecimento e valorização dos bens representativos do passado. A questão da preservação vai além e está ligada à educação, e à maneira com que se constrói a relação com a tradição e os costumes de uma sociedade.

Anápolis é uma representante dessa situação de renovação constante e desapego. Cidade cuja história está impregnada pelo mito fundador em torno da devoção de Sant’Ana e pelo desenvolvimento beneficiado pela localização estratégica no espaço regional goiano, mesmo relativamente nova já possui uma paisagem urbana marcada por amplas e profundas transformações, em grande medida subordinadas aos interesses dos agentes hegemônicos. Essas transformações fazem com que a cidade adquira novos contornos e

conviva também com a renovação de contextos sociais, culturais, políticos e econômicos que muitas vezes colaboram para o enfraquecimento dos laços com a memória histórica e com a identidade da sociedade local.

Historicamente podemos entender o processo de transformações e influências sofridas por Anápolis diante de um cenário regional goiano pautado por amplas mudanças. Ponto chave nesse processo reside na chegada dos trilhos da estrada de ferro, inaugurados em 1935, estes que beneficiaram a cidade e contribuíram para o seu crescimento, engendrando modificações do ponto de vista urbano e arquitetônico e interferindo diretamente na consolidação de sua vocação comercial. Além disso, o plano da transferência da capital do Estado estava em curso, tendo sua pedra fundamental sido lançada em 1933 por Pedro Ludovico Teixeira, contribuindo significativamente para o crescimento da cidade de Anápolis, visto que a mudança da capital promoveria a construção de rodovias e obras de saneamento, entre outras tantas melhorias.

Também foi fator de destaque nesse processo a construção e transferência da Capital Federal, que no caso de Anápolis em específico, de acordo com Luz (2009), devido à posição estratégica, entre duas metrópoles de grande dinamismo, construídas como símbolo do processo de modernização e povoamento do interior do país, passou a ter grande influência na formação do que hoje denominamos de Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília.

A imigração também foi fator que colaborou para as novas faces que a cidade foi adquirindo ao longo do tempo. E já na década de 1950, Anápolis, como afirma Cunha (2009), era vista como predominantemente comercial e industrial, tendo esse discurso intensificado com a instalação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), em 1976, uma parceria do Governo Federal e Estadual em prol da industrialização do Centro-Oeste, que se tornou o principal setor econômico da cidade, e fez de Anápolis o principal polo industrial do estado. Junto à instalação do DAIA houve o surgimento do Porto Seco, a proposta de construção da Plataforma Logística Multimodal, a instalação da sede da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e a elaboração do Plano Diretor de Anápolis.

Essa breve leitura de Anápolis já nos dá uma dimensão de sua importância na dinâmica regional, esta que foi, segundo Cunha (2009), beneficiada pelas mudanças econômicas estaduais e nacionais, o que impactou no seu espaço intraurbano, provocando

um amplo processo de resignificação urbana. Considerando o curto período onde tantas transformações aconteceram, vale questionar como a preservação do patrimônio cultural, entendida como uma prática social importante e primordial (ARANTES NETO, 2000) foi assumida nesse processo.

Importante sinalizar que a valorização e preservação do passado e da memória coletiva não se refere somente ao patrimônio material – os edifícios, as obras de arte –, mas também ao imaterial – a cultura, a carga simbólica e o valor dos elementos – tornando-se cada vez mais necessárias para se compreender o “hoje como uma evolução de tudo o que até agora a humanidade presenciou” (COELHO e VALVA, 2001, p. 77).

Pensando nessa memória coletiva e no acervo histórico das cidades, vemos que o centro¹ é a área onde se encontra a maior parte dos bens considerados como patrimônio histórico, mas que estão em constante processo de degradação, já que também essa é uma área pouco valorizada nas cidades. O centro das cidades hoje, numa visão de Castilho e Vargas (2015), possui formas e atividades que compõe a representação da cidade. Além de carregarem características centrais da vida urbana, comporta espaços que podem potencializar a sociabilidade. Porém, com a intensificação da expansão urbana, seja ela planejada ou não, essa noção começa a se diluir e hoje os centros perdem a multifuncionalidade (passam a se dedicar basicamente a atividades comerciais e de serviços), comerciantes informais se estabelecem, a dimensão política se enfraquece, passa a ter “vida” apenas em certos horários, as edificações históricas começam a dar lugar aos estacionamentos ou se perdem em meio a paisagem tomada pelos letreiros, entre outros. Anápolis não fica fora desse contexto. Com uma forte tradição do novo que se arraiga, e a evidente disseminação de uma cultura de renovação constante e desapego, a materialidade da sua histórica vem se transformando incessantemente, principalmente na área mais central.

¹ A noção de Centro como lugar de maior dinamicidade da vida urbana, numa visão de Castilho e Vargas (2015), tem se diluído à medida que a área urbana se expande, surgindo uma rede de subcentros que concorrem com o centro principal, acelerando a sua degradação. A cidade passa a contar então com centro histórico, tradicional ou pioneiro, de negócios, de mercado, entre outros. Nesse sentido, utilizaremos o termo Centro Pioneiro para tratar do núcleo onde a cidade de Anápolis se originou e se desenvolveu nos primeiros anos de sua existência.

Diante desse cenário, se partimos do entendimento que a arquitetura é uma representante do tempo e da cultura, na demolição de uma simples casa um aspecto parece inequívoco: parte da história e da memória de um lugar se vai, ainda se considerando que no terreno erguer-se-á um edifício mais novo, aparentemente mais adequado às necessidades do tempo presente. Coloca-se assim em questão, um dos paradoxos da arquitetura: os reclamos de sua própria prática que alimentam a renovação desmedida do espaço urbano põem abaixo a trajetória e a memória da história do espaço construído. Nesse processo o que se sobressai é a substituição da arquitetura do passado por arquiteturas muitas vezes sem qualidade, desfamiliarizadas de seu contexto original, que vão da esterilidade estética à precariedade em termos de infraestrutura. Situação que parece caracterizar a condição atual do Centro Pioneiro de Anápolis.

Vítima do capital e do desapego com a história, o Centro Pioneiro de Anápolis resiste em alguns pontos e revela ainda lugares de memória, representantes de diferentes momentos de sua história, grande parte escondidos atrás dos letreiros do comércio, ou escondidos na paisagem urbana heterogênea. Entre os remanescentes podemos notar edifícios com referência à arquitetura tradicional goiana, exemplares ecléticos, *Art Decó*, filiações à arquitetura moderna, além de galpões industriais construídos entre as décadas de 1930 a 1960.

Ao se falar em patrimônio histórico reconhecido de fato, que conta com a instituição da lei do tombamento, Anápolis possui apenas: (1) o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, (2) o edifício que hoje funciona a Diretoria de Cultura, local onde foi a Prefeitura e o Fórum de Anápolis – localizado na Praça Bom Jesus –, (3) a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, (4) o prédio da Escola de Artes Osvaldo Verano, (5) a Escola Estadual Antesigna Santana, (6) o prédio do Colégio Couto Magalhães, (7) o Mercado Municipal, (8) a Casa JK, (9) a Fonte Luminosa da Praça Bom Jesus e (10) o Coreto da Praça James Fanstone – a maioria situados no Centro Pioneiro da cidade. Além disso, mesmo não sendo tombados, destacam-se a Estação Engenheiro Castilho e a Estação General Curado, como representativos da história local e da arquitetura ferroviária no Brasil.

É um consenso de que centro da cidade é onde se encontra com mais força a história de seus habitantes um lugar expressivo de intercâmbios e encontros, mas, como

lembra Veiga Filho (2010), é necessário oxigená-lo e preservá-lo das ações descomprometidas com seu passado e com sua história. O patrimônio edificado funciona como uma lição, passando a ser visto como referência, abrindo um leque de possibilidades para sua continuidade ou produção de um novo com qualidade. E entendendo patrimônio ou bem histórico a partir de seu sentido antropológico, vemos que a preservação e manutenção do conjunto são essenciais para que o conhecimento seja transmitido de geração a geração, legando às permanências uma importância propedêutica.

Porém esses diversos elementos históricos perdem o caráter pedagógico por não serem percebidos através de seu significado histórico, levando à desmaterialização de seus signos e a perda de importância frente à memória coletiva. Edificações históricas escondidas atrás dos letreiros dos comércios ou simplesmente abandonadas demonstram a falta de valorização.

Exemplo dessa desvalorização é a Estação Ferroviária de Anápolis, hoje intitulada Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, inaugurada em 1934 e tombada em 1991, que se encontrava decadente e que por anos ficou sufocada em meio ao terminal de ônibus da cidade. Mas, após brigas de poder, contradições, embates políticos e econômicos que caracterizaram a luta em defesa da Estação, esta foi redescoberta e reconquistada, ressurgindo na paisagem Anapolina nos últimos dois anos depois da restauração do edifício em 2016, que contou com a demolição de parte do terminal rodoviário, como uma tentativa de preservação de um passado de extrema importância para a cidade.

Dessa maneira, discutir questões relacionados a Anápolis, mais especificamente a Estação Ferroviária, ponto de destaque em sua paisagem urbana, não se justifica apenas pelas disputas e debates ocorridos recentemente e que ainda estão em curso acerca da sua restauração e desocupação do entorno, mas também pelo fato de ser um marco para o município, advento da modernidade e símbolo daquilo que contribuiu, em grande parcela, para o seu crescimento e desenvolvimento, visto que a linha férrea no Estado de Goiás, segundo Silva (2010), foi responsável por despertar o Estado de uma era de isolamento onde o avanço das frentes pioneiras representou, também, para alguns, o deslocamento do progresso. Hoje, lugar de memória, capaz de reavivar a história da cidade e a identidade local, funcionando como negociadora entre o passado e o presente e produtora de memória,

renova laços com aqueles que vivenciaram o momento de sua chegada e cria outros com a população jovem que não esteve presente, mas que ainda hoje convive com resultados desse momento histórico.

Portanto, é perante esse espaço urbano que está em constante processo de ressignificação e passa por tantas deturpações que esse trabalho se desenvolveu. Arantes Neto (2000) reforça o quanto é importante atentar para a formação e os componentes, além dos significados, que a paisagem urbana carrega, e explorar os processos que constituem os marcos, os lugares e os cenários da memória social e os significados que esses espaços edificadas têm sustentado ao longo do tempo e como são vistos pelos habitantes, já que eles carregam marcas e se portam como representantes de épocas, fatos e transformações.

Anápolis e a dinâmica de renovação constante: a mensagem de seus vídeos comemorativos

Observar os marcos de memória, em especial a Estação Ferroviária, e os significados que a paisagem urbana de Anápolis carrega, nos leva a pensar sobre essa cultura do desapego que se faz constante na sociedade contemporânea. E partindo da ideia de que novos dispositivos que permitem a transmissão do conhecimento, da história e do vivido vão surgindo e de que um documento não precisa ser necessariamente escrito, que optamos neste trabalho por não narrar acontecimentos relativos à estrada de ferro e sua importância para Anápolis, temática já amplamente investigada pela historiografia e amparada pela documentação escrita, mas observar através de jornais, fotografias e audiovisual se essa dinâmica de renovação constante sempre esteve presente ou se é característica da contemporaneidade. Nessa investigação, trazer imagens fotográficas, reportagens de jornais e audiovisual para o campo dos estudos sobre Anápolis oferece ao debate a dimensão visual e do discurso, noção que se baseia na ideia de que essas fontes podem se constituir em documentos capazes de produzir conhecimento e em recurso pedagógico para a formação da consciência histórica.

Nesse sentido, é a partir de um olhar atento para esse cenário de alterações, com a cidade se refazendo e renovando sempre, que surgem visões novas relativas à relação

da sociedade com a história de Anápolis, um pensamento mais crítico em relação aos acontecimentos e talvez até a formulação de hipóteses para explicar esse fenômeno do desaparecimento.

Buscando informações em jornais, fotografias e audiovisual notamos que a dinâmica de renovação constante já estava presente em Anápolis há tempos atrás. De fato, podemos observar no discurso desses meios de comunicação, uma importância maior com o que era atual e, principalmente, com o futuro, e nenhuma referência às raízes do passado.

Prova disso é dada destacando dois vídeos, o primeiro referente ao aniversário de 60 anos de Anápolis – “Anápolis sessentão 1907-1967”² – e o segundo ao de 110 anos – “Anápolis 110 anos”³. Em ambos há a caracterização da cidade como lugar próspero e promissor, mas em nenhum deles nota-se referência ao contexto e a acontecimentos passados que marcaram e contribuíram para o desenvolvimento de Anápolis, como a chegada dos trilhos e a construção de Goiânia e Brasília, por exemplo. Nesse sentido, observa-se uma imagem de cidade que cresceu, se desenvolveu, prosperou e, ainda, que visualizava e visualiza maiores possibilidades de progresso apenas pelas suas características próprias como a qualidade da terra, o povo trabalhador, a mão-de-obra qualificada, a agropecuária, entre outros apontados em “Anápolis sessentão”; acrescidos da localização privilegiada do DAIA (Distrito Agroindustrial de Anápolis), da Base Aérea, dos parques urbanos, entre outros equipamentos, destacados por “Anápolis 110 anos”. Talvez essa busca por progresso, ou a tentativa de se fazer e se manter moderna que tenha nos levado a esse contexto.

Mas, assim como afirma Penafria (2009), o cinema não deve ser interpretado apenas no seu conteúdo (história contada, diálogos), mas deve ter em conta os seus aspectos formais, tratando-se de uma atividade que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada. Nesse sentido, ao se analisar os vídeos aqui citados, notamos que “Anápolis sessentão” se aproxima dos aspectos formais de um documentário, com a utilização de imagens de época e voz off; estruturado de maneira não linear, se apresenta com idas e

² Anápolis sessentão 1907-1967 é um vídeo comemorativo em homenagem aos 60 anos de Anápolis. Com duração de 09:58min, contou com a direção de José Petrilho, locução de Alberto Curi, redação de Sérvulo de Mello e foi produzido por Truka Cinema Arte e Propaganda.

³ Anápolis 110 anos é um pequeno vídeo com apenas 59 segundos realizado pela Skyline Imagens e Produções em comemoração e como homenagem ao aniversário de 110 anos da cidade.

voltas tratando das solenidades do aniversário de 60 anos de Anápolis, onde discursa que “expressivas solenidades cívico-sociais marcam o sexagenário aniversário da capital econômica de Goiás” (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:05), apresentando uma seqüência de fatos, qualidades e indicadores da prosperidade que levaram Anápolis aos 60 anos já como uma cidade desenvolvida, a “Manchester do sertão” (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:54), voltando a apresentar as solenidades comemorativas e finalizando com a inauguração da Fonte Sonora e Luminosa construída em comemoração do sexagenário, marco de memória, “símbolo eterno de sua força, da criação contínua, verdadeiro monumento de beleza erguido no coração da cidade, na Praça Bom Jesus, pelos que realmente amam Anápolis e a conduzem a um glorioso destino” (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:09:36).

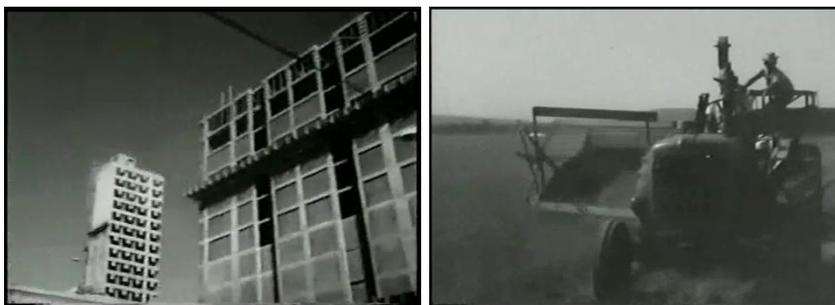


Figura 1: Edifícios demonstrando que a cidade tão jovem já se tornou metrópole do estado (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:41); **Figura 2:** Terra fértil e promissora, processo de colheita mecanizado (00:01:23).



Figura 3: Agropecuária como base da prosperidade do município (00:01:41); **Figura 4:** Mão-de-obra qualificada (00:03:20).



Figura 5: Comércio efervescente (00:03:43); **Figura 6:** Seguindo os rumos do progresso são construídas escolas (00:03:43).

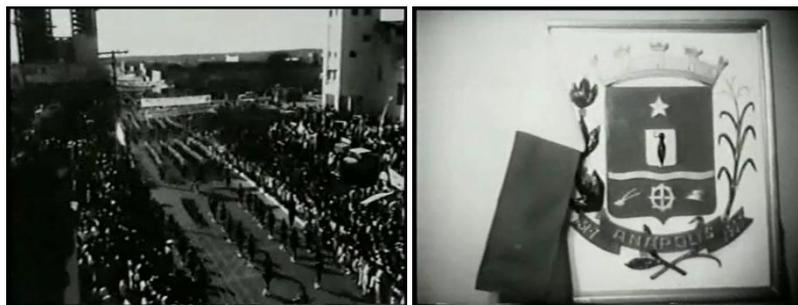


Figura 7: Solenidades cívico-sociais em homenagem ao sexagenário de Anápolis (Anápolis sessentão 1907-1967, 00:00:10); **Figura 8:** Brasão que representa a glória e tradição do povo (00:06:05).

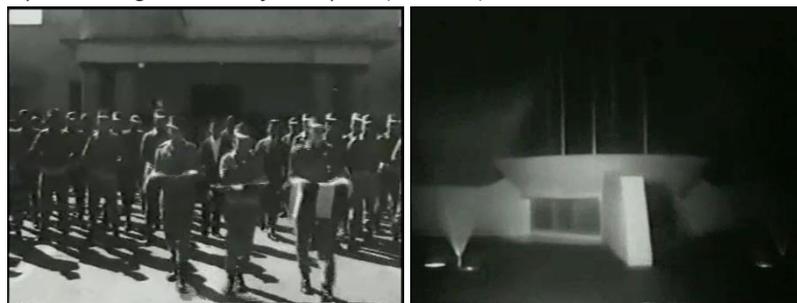


Figura 9: Solenidades públicas (00:06:10); **Figura 10:** Fonte sonora e luminosa, construída em homenagem a cidade como símbolo de sua força e direção contínua rumo ao progresso (00:09:39).

Já em “Anápolis 110 anos”, utiliza-se apresentações de cenas aéreas de pontos estratégicos da cidade e também o artifício da voz off, mas nesse caso não há uma sequência de imagens narrativas, o vídeo apenas aponta alguns pontos que hoje são importantes para a cidade, como a Av. Brasil, a faculdade UniEvangélica e a Anhanguera, o DAIA, a base aérea e o Parque Ipiranga, entre outros. Diante disso, percebe-se o discurso de cidade promissora que abriga sonhos e oportunidades, e pela sequência apresentada nota-se a mensagem implícita de que nela se encontra possibilidades de ampliação do conhecimento e formação de profissionais capacitados já que tem grandes faculdades, de que tem boa infraestrutura e investe nela, de que há qualidade de vida visto que possui parques e locais para práticas esportivas e de que possui muita oportunidade profissional e tem uma economia de destaque, visto a existência do DAIA, por exemplo. O discurso se fixa no presente e na garantia de um futuro promissor, e mesmo dizendo que Anápolis é “um nome com tantas histórias” (Anápolis 110 anos, 00:00:03), “uma cidade com tantas lembranças” (00:00:38) nenhuma dessas memórias é mencionada. Esse vídeo se faz como um marketing, uma “pequena homenagem a nossa amada cidade [...] uma feliz-cidade” (00:00:44).



Figura 11: Faculdade UniEvangélica (Anápolis 110 anos, 00:00:05); **Figura 12:** Viaduto Nelson Mandela (00:05:16).

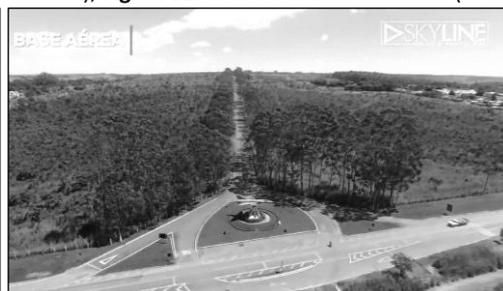


Figura 13: DAIA (00:00:19); **Figura 14:** Base Aérea (00:00:20).



Figura 15: Parque Ipiranga (00:00:23); **Figura 16:** Faculdade Anhanguera (00:00:31).



Figura 17: Estádio Jonas Duarte (00:09:39); **Figura 18:** Cidade em crescimento (00:09:39).



Figura 19: Vista aérea de Anápolis (00:09:39).

O discurso das imagens

A análise desses audiovisuais permite observar a valorização e o destaque do que Anápolis é no momento de suas produções. Em nenhum deles nota-se qualquer referência a fatores impulsionadores desse progresso apontado nos discursos. Mesmo sendo de épocas diferentes, com 50 anos separando as produções, é notório que a linguagem se mantém fixada na ideia de que a cidade é promissora e chegou onde chegou por força de suas qualidades junto ao povo trabalhador, independente dos fatores regionais e do contexto em que se insere. Exemplo dessa semelhança de discurso apresentado por ambos está na ideia de que Anápolis com apenas 60 anos já tinha se tornado uma metrópole goiana, e continuava a crescer, como aponta “Anápolis sessentão 1907-1967” com a comprovação através das imagens das novas e grandes construções, e aos 110 anos ainda está se desenvolvendo e em contínuo crescimento, como mostrado pela imagem dos novos loteamentos em “Anápolis 110 anos”.

Seguindo nessa intenção de entender se essa dinâmica de renovação constante sempre esteve presente em Anápolis, é que consideramos aqui as contribuições de registros fotográficos como mais uma possibilidade de observar os acontecimentos e de certa maneira, a postura da população frente a eles, visto que “as fotografias podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação para a história, principalmente por permitirem o contato com uma realidade passada” (POSSAMAI, 2005, p. 32). E, ao observar a cidade de Anápolis através da iconografia em dois momentos marcantes de sua história – a chegada e a retirada dos trilhos –, notamos semelhanças de postura, onde a tradição do novo arraigada ao desapego à história e sua materialidade se justifica pela busca do progresso e desenvolvimento.

A análise fotográfica nos aponta essa intrigante postura Anapolina, uma sociedade que se reuniu em festa para a chegada dos trilhos e em cerca de 40 anos depois já se reunia novamente em festa para a retirada dos mesmos (Figuras 20 e 21). Com o apoio da fotografia que se porta como “um fragmento congelado no tempo que pretende tornar a realidade inteligível” (POSSAMAI, 2005, p 141), podemos observar essa prática do faz e desfaz ou constrói e destrói se fazendo presente desde os primórdios da cidade de Anápolis.



Figura 20: Comemoração pela chegada da Ferrovia em Anápolis 1935. Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

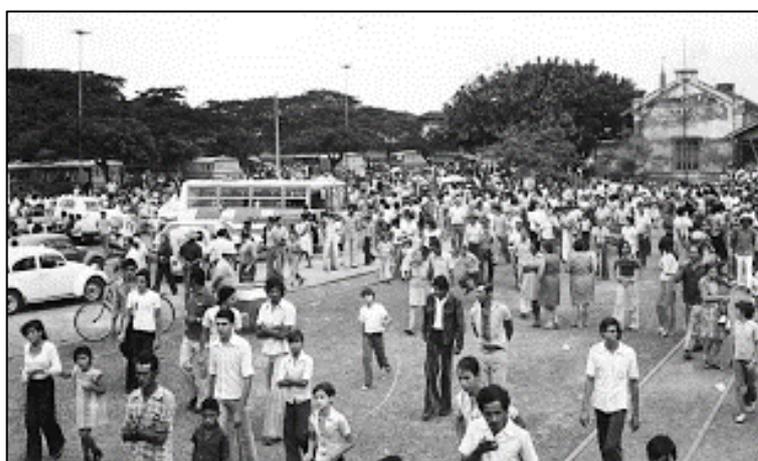


Figura 21: Comemoração pela retirada dos trilhos do Centro de Anápolis. Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

As fotografias aqui apresentadas poderiam e podem até causar confusão quanto a compreensão para aqueles que não conhecem ou não fazem a leitura visual acompanhada de uma pesquisa historiográfica. A tão esperada ferrovia, segundo Silva (2014), transformou antigas estruturas e trouxe consigo modernização e um reordenamento da sociedade regional, se destacando como elemento responsável pelo desenvolvimento local, saindo a frente de fatos como a Revolução de 1930, a expansão da fronteira agrícola e da construção de Goiânia. Mas apesar disso, não hesitaram em pedir a sua retirada justificando a demora das viagens, a má qualidade do serviço, como sendo um perigo, visto os acidentes que aconteceram, e ainda como estorvo para o trânsito no centro da cidade. Não seria possível pensar em resolver os problemas através de ajustes no serviço além de uma sinalização mais eficiente, por exemplo? Ou em trabalhar em prol da melhoria da ferrovia e com isso

possibilitar que a população não ficasse refém de um único serviço de transporte? Muito deveria estar por trás de tudo isso, capital estrangeiro e investimentos externos, por exemplo, mas essa pesquisa não entrará nesse âmbito. Contraditório pensar que a população, após diversos pedidos e luta, conseguiu que os trilhos fossem retirados e mesmo perdendo um meio transporte importante, tendo que passar a andar de ônibus, com custos mais caros e em estradas de péssima qualidade, festejava.

Nesse contexto, a imprensa era “veículo propagador do discurso político alicerçado na ideia de progresso” (SILVA, 2014, p. 34), sendo que esse discurso se repete como justificativa para os diversos acontecimentos, entre eles a chegada e a retirada dos trilhos. Antes a ideia de que com ferrovia viria “o progresso que tanto necessitamos para o escoamento de nossos produtos” (VOZ DO SUL, 1933 *apud* SILVA, 2014, p. 37); de que foi “o maior impulso que Anápolis recebeu em toda a sua história [...] que chegou trazendo progresso a cidade” (CORREIO DO PLANALTO, 1975); anos depois, o discurso do progresso já a via como um entrave: “a Ferrovia é hoje acusada de estagnar o crescimento de importantes áreas, além de causar sucessivos acidentes” (CORREIO DO PLANALTO, 1975), “já não está à altura de tranquilizar aquela sua ânsia de progresso” (O ANÁPOLIS, 1950), agora tem-se o “ônibus como veículo moderno que vem aumentar as facilidades de transporte” (O ANÁPOLIS, 1950).



Figura 22: Matéria do jornal Correio do Planalto: “Ferrovia: grande responsável pelo desenvolvimento”, Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis; **Figura 23:** Matéria do jornal O Anápolis: “Povo pede a transferência da Estação Ferroviária”, Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

MAIS DE VINTE ANOS A SERVIÇO DO ESTADO

O ANÁPOLIS

ANO XXIII - ANÁPOLIS, ESTADO DE GOIÁS - DOMINGO, 23 DE MAIO DE 1947 - NÚM. 1846

Em lastimável estado a estação ferroviária

Como é vista a agência da estação local - E os atrasos continuam

Com o abandono da linha férrea, a estação de Anápolis encontra-se em estado de abandono. O edifício principal, que serviu de agência durante muitos anos, está em ruínas. Os trilhos estão quebrados e os vagões abandonados. A situação é lamentável, pois a estação é vital para o comércio local e para o transporte de passageiros.

Atenção Comerciantes!

A. SEQUEIRA & CIA. LTDA.

Comunicamos aos comerciantes deste laborioso e progressivo Estado de Goiás o abertura de sua filial em Goiânia, a Rua 3, nº. 78, onde, com o seu vasto sortimento de tecidos em geral e roupas feitas, venderá, com exatidão, exclusividade e dinheiro, praticando os melhores preços possíveis.

A inauguração da filial de Goiânia de A. SEQUEIRA & CIA. LTDA., se deu no dia 13 último.

Eleições Rubialta

Prof. Neli Alves Fei

Universidade, dia 15 de maio, realizou-se a eleição para o cargo de Professor. Neli Alves Fei, do Colégio Zumbi, foi eleito.

MAIS DE VINTE ANOS A SERVIÇO DO ESTADO

O ANÁPOLIS

ANO XXIII - ANÁPOLIS, ESTADO DE GOIÁS - DOMINGO, 23 DE MAIO DE 1947 - NÚM. 1846

A Estrada de Ferro Goiaz encontra-se em estado de coma

Lidos na Câmara Federal dos editores de "O Anápolis" a respeito do descalabro que vai pela nossa única ferrovia - "Economia do Brasil Central vítima de desastros"

Os editores de "O Anápolis" apresentaram na Câmara Federal um projeto de resolução denunciando o estado de abandono da Estrada de Ferro Goiaz. O projeto afirma que a ferrovia é a única do Brasil Central e que seu estado de abandono é uma vergonha para o país.

Sofrerá baixa geral o mercado de auto

Consequência da recessão da fábrica. Quase nulo o movimento no mercado de automóveis.

DIA DO COMERCIANTE

Evento promovido pelo comércio local em homenagem ao dia do comerciante.

Figura 24: Matéria do jornal O Anápolis: "Em lastimável estado a estação ferroviária", Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis. Figura 25: Matéria do jornal O Anápolis: "Estrada de Ferro Goiaz encontra-se em estado de coma", Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

Dentro de breves dias teremos um novo e moderno ônibus para Anápolis

O sr. Antonio Pinto Pereira, em prezioso dos Serviços de Ônibus urbanos, esteve em nossa redação para agradecer as referências que fizemos à sua pessoa ao noticiarmos há dias, a hipótese de não serem reiniciadas as ruas tráfegadas por esses veículos.

O sr. Antonio Pinto Pereira seguiu hoje com destino à Capital Paulista, onde vai receber o novo e moderno veículo que há tempos encomendado.

Trata-se de um veículo moderno e que vem aumentar as facilidades de transporte nos vários bairros da cidade, tais como Vila Brasil, Vila Conceição, Santa Teresinha, etc.

Espera porém, aquele distinto cavalheiro, que até a sua volta tenha a Prefeitura Municipal por intermédio do seu Departamento de Engenharia, determinados os reparos que se fazem necessários nas vias públicas por onde passam os ônibus, pois a continuar como estão, ver-se-á o empresário obrigado, embora com prejuízos para si e para o público, a suspender o tráfego desses veículos.

Nova Emissora em Anápolis

A RÁDIO CARAJÁ VAI FUNCIONAR EM FREQUENCIA TROPICAL

A "Capital Econômica do Estado" terá a grande possibilidade de tornar seus produtos, sua cultura, seu desenvolvimento social e político, conhecidos em todo o Brasil, através das ondas da nova emissora em Frequência Tropical, conforme despacho do Ministério de Viação e Obras Públicas, no Diário Oficial de 17 do corrente, despacho n. 24762-50 e parecer da Comissão Técnica de Rádio n. 1205-50 em favor da ZYJ-3 RÁDIO CARAJÁ DE ANAPOLIS, LIMITADA.

Assim, Ernetti Simonetti, no firme propósito de sempre melhorar as condições técnicas e artísticas da nossa sempre querida ZYJ-3, acompanha com o dinamismo que lhe é peculiar, o progresso sempre crescente de Anápolis, que se projeta com outras grandes cidades brasileiras.

Exemplo de como REDUZIR O CUSTO DA VIDA

ENVIE POR CAMINHÃO

OS TRANSPORTADORES EXPERIMENTADOS CONFIAM NOS PNEUS Firestone

Reduzir o consumo de combustível, economizar tempo e evitar acidentes são os principais motivos para a escolha dos pneus Firestone.

Com Firestone

- ECONOMIA
- RESISTÊNCIA
- SEGURANÇA

Figura 26: Matéria do jornal O Anápolis: "Dentro de breves dias teremos um novo e moderno ônibus para Anápolis", Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis; Figura 27: Anúncio no Jornal O Anápolis: "Elemento básico para reduzir o custo da vida... envie por caminhão" (1949), Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

CHEGA AO FIM A NOVELA DOS TRILHOS

Nas últimas etapas vem a pretensão dos herdeiros de Francisco Silveiro de Faria que desejam reaver a área onde está a estação da Estrada de Ferro

O fim da novela dos trilhos é o resultado da decisão do Conselho de Administração da Estrada de Ferro Goiaz, que decidiu não renovar o contrato de concessão da linha férrea para o Estado de Goiás.

Os herdeiros de Francisco Silveiro de Faria, que desejam reaver a área onde está a estação da Estrada de Ferro, estão desistindo de suas pretensões.

PARTICIPE DAS COMEMORAÇÕES DA RETIRADA DOS TRILHOS

DIA 3 DE MAIO DE 1976

PROGRAMA

05:00 horas - Alvorada com fogos e a participação de nossa Banda de Música Municipal.

15:00 horas - Grande desfile das Bandas de Música Municipal e da Polícia Militar do Estado de Goiás. Roteiro: Avenida Xavier de Almeida e Pça. Americano do Brasil.

16:00 horas - NA PRAÇA OESTE: Retirada de Pombos. Retirada dos Trilhos. Espetacular SHOW com os renomados artistas ANGELO MAXIMO e CLAUDIA BARROSO.

1º Aniversário da Administração Jamel Cecílio com o sonho realizado da gente Anapolina: Retirada dos Trilhos do Centro da Cidade

Figura 28: Matéria do jornal Correio do Planalto "Chega ao fim a novela dos trilhos", Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis; Figura 29: Convite para as comemorações da retirada dos trilhos do Centro da Cidade Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis.

Considerações finais

Após essa leitura visual e contextual é possível perceber que a afirmação do novo e do moderno está presente em Anápolis há tempos. A cidade cresce, se refaz, se expande e se edifica sobre vestígios do passado, tendo como palavras de ordem “cidade moderna”, “espírito moderno”, “progresso”, “evolução”. Utilizar a imprensa na tentativa de analisar a postura da sociedade se justifica pela riqueza de informações, pela diversidade dos conteúdos e justamente por conter relatos capazes de demonstrar o pensamento da cidade na época.

Talvez essa visão de Anápolis como cidade que faz, que constrói e não a cidade que preserva e se importa com o passado e a sua materialidade, que renova constantemente sua paisagem, aliada à uma ideia errônea de que a preservação ou o ajuste e aperfeiçoamento do que já existe são insatisfatórios para a prosperidade, e que reforça um ciclo vicioso de desapego, seja justificada por esse ideário de progresso presente desde seus primórdios, pela influência do capital, junto a promessas e a esperança de um futuro auspicioso.

Mesmo que o tema da preservação já tenha avançado muito e por muitas cidades já seja usado como ponto de destaque na economia, no turismo e como marketing urbano, ainda que Anápolis tenha dado o pontapé inicial com a luta pela preservação e conservação da Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, há muito que mudar e de se conscientizar. A fragilidade da ideia de preservação é evidente através das ações e discursos e seus dirigentes e moradores.

Não se pretende criar aqui uma ideia negativa da busca por progresso, mas, sim alertar que o desapego total com o passado não é benéfico e que apagar todos os vestígios só nos leva a direção de uma cidade sem identidade, sem história e sem memória coletiva.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In. *Revista da Faculdade de Letras*, Vol. XIV, P. 77-97, Porto, 1998.

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CASTILHO, Ana Luisa H. de; VARGAS, Heliana Comin. *Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. 3 ed. Barueri, SP. Manole, 2015.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D'Ayala. *Patrimônio cultural edificado*. Goiânia: Ed. DA UCG, 2001.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. *Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990*. [Manuscrito] Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Estudo Socioambientais. Universidade Federal de Goiás, 2009.

LUZ, Janes Socorro da. *A (re)produção do espaço de Anápolis/Go: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009*. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Geografia. Uberlândia, 2009.

PENAFRIA, Manuela. *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos de Porto Alegre - décadas 1920 e 1930*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

SILVA, José Fábio. *O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás. 2014.

SILVA, Margarida do Amaral. Patrimonialização cultural em Anápolis: Identidade e memória sob telhas e sobre trilhos. In. *Revista Anápolis Digital*. Volume 01, número 01, 2010 – ISSN 2178 – 0722

VEIGA FILHO, Ary Alencastro. *Avenida Goiás – Dinâmica de ocupação*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2010.

Audiovisuais

ANÁPOLIS 110 anos. (Anápolis, 2017): Direção: Skyline Imagens e Produções.

ANÁPOLIS sessentão 1907-1967 (Anápolis, 1967). Direção: José Petrilho, locução de Alberto Curi.

Periódicos

O Anápolis, Anápolis, 1950.

Correio do Planalto, Anápolis, 1975.

